

RELATÓRIO: OFICINA QUAPÁ-SEL II VITÓRIA 1 a 4 de setembro de 2013



Equipe

Prof. Dr. Eugenio Queiroga
Prof. Dr. João Meyer
Prof. Dr. Silvio Soares Macedo
Prof.^a Dr.^a Vanderli Custódio
Profa. Dra. Veronica Garcia Donoso
Estagiária Patrícia Eiko Aguchiku

Comissão organizadora:

Prof.^a Dr.^a Eneida Mendonça

Relatório desenvolvido por:

Profa. Dra. Vanderli Custódio
Profa. Dra. Verônica Garcia Donoso
Estagiária Patrícia Eiko Aguchiku

Sobre Vitória

A RMGV é formada por sete municípios, destes a oficina trabalhou com aqueles conurbados com o município de Vitória, quais sejam: Vila Velha com aproximadamente 458 milhões de habitantes, Serra com 467 milhões de habitantes, Cariacica com 376 milhões. Vitória possui cerca de 379 milhões de habitantes e é uma das três capitais ilhas do país, ao lado de Florianópolis e São Luís. Entre as capitais do Brasil, Vitória possui o 4º melhor índice de desenvolvimento humano (depois de Florianópolis, Porto Alegre e Curitiba) e o maior produto interno bruto *per capita*.⁹ A capital capixaba conta com 79 bairros distribuídos pela ilha e região continental. Os bairros mais nobres, como Bento Ferreira, Praia do Canto, Enseada do Suá, Ilha do Frade, Ilha do Boi, Jardim Camburi, Jardim da Penha e Mata da Praia, estão situados ao norte e ao leste, e os mais carentes do município à oeste da Ilha de Vitória, tais como: Resistência, Nova Palestina, São Pedro, Estrelinha, entre outros. Outros 3 bairros faziam parte legalmente da cidade, porém a partir de 2012, são administrados e pertencem a cidade vizinha de Serra, são eles: Bairro de Fátima, Conjunto Carapina I e Hélio Ferraz. A economia de Vitória é voltada para as atividades portuárias, ao comércio ativo, a indústria, a prestação de serviços e também ao turismo de negócios. A capital capixaba conta com dois portos que são dos mais importantes do país: o Porto de Vitória e o Porto de Tubarão. As indústrias mais importantes da capital são a Arcelor Mittal Tubarão (antiga CST) e Vale (antiga CVRD/Companhia Vale do Rio Doce). Esses portos, junto com vários outros do estado, formam o maior complexo portuário do Brasil.

Dia 1 de setembro de 2013 – manhã

09h30m – chegada no aeroporto de Vitória (ES)

11h: 00m – saída de van da universidade UFES. Total de 12 pessoas.

12h:30m: Sobrevoou com o Prof. Silvio Macedo, Profa. Eneida Mendonça, a estagiária Patrícia Eiko. Enquanto o restante do grupo realizou incursões de van por Vila Velha, Interlagos, Ponta da Fruta, Terra Vermelha.



14h:10m: fim do sobrevoo. Grupo reunido almoçou e seguiu com as incursões de van: Serra, Laranjeiras, Jacaraípe, etc.

18h:00m: encerramento das atividades.

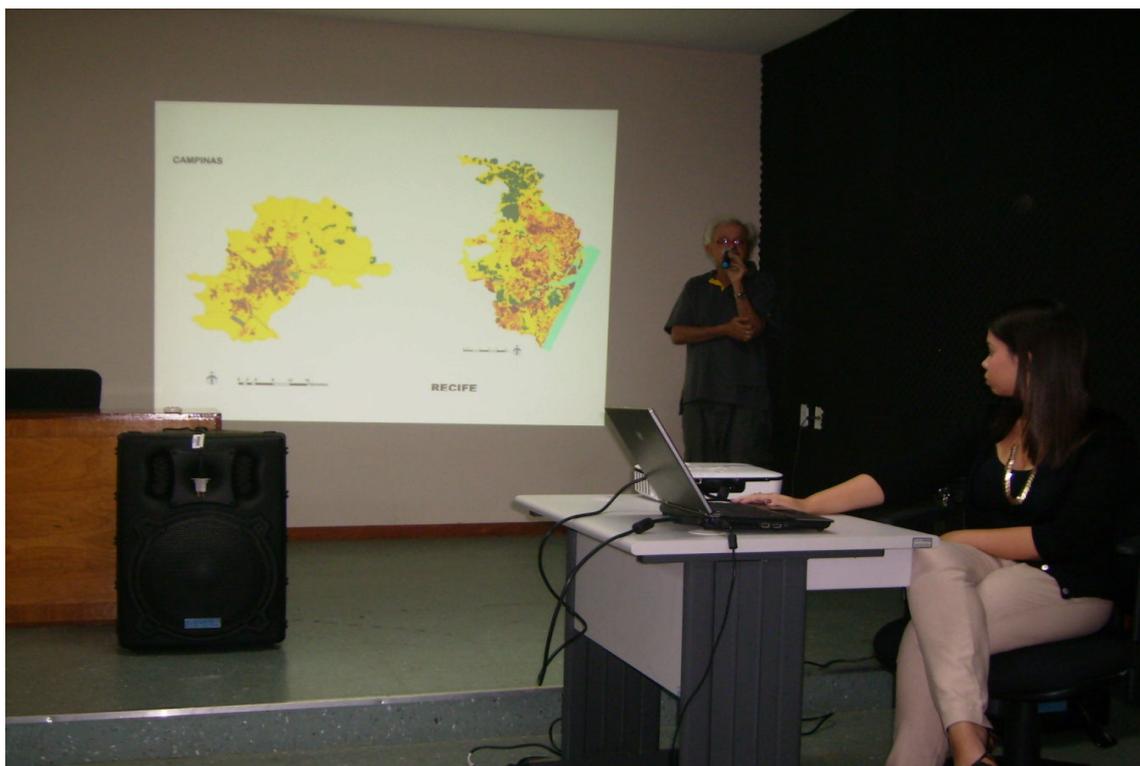
Dia 2 de setembro de 2013 – manhã
--

9h:15m- Apresentação – Profa. Dra. Eneida Mendonça

Apresentação dos participantes e da temática

9h:15m- Abertura – Prof. Dr. Silvio Soares Macedo – O QUAPÁ-SEL II

O objetivo nosso aqui é fazer um trabalho sobre a questão dos Sistemas de Espaços Livres (SELS) aqui em Vitória. É um estudo que fechou há um ano atrás quando propusemos novo projeto. Resolvemos trabalhar com o Brasil criando uma rede. Estamos aqui para conversar com vocês sobre Vitória. Mas o que são mesmo espaços livres? São aqueles livres de volumetria. Els fazem parte da infraestrutura urbana e devem ser projetados de modo que se pense no cotidiano da cidade. Veja os lugares novos que estão sendo construídos aqui mesmo em Vitória...quase sem calçada. Os els têm funções ambientais e funcionais e estão interligados entre si, pelo menos os ELS públicos. Assim, toda cidade possui um SEL pensado, planejado ou não, que está em constante transformação. Temos um exemplo, o de Rio Branco, no Acre que recebeu investimentos no SELs nos últimos anos. Os SELs participam da constituição da esfera pública. Eles também são importantes dentro das áreas urbanas para a conservação ambiental. A rua é o nosso principal EL urbano. Temos ainda calçadas, orlas, quintais, estacionamentos, pátios, floresta em propriedade privada, etc. Dos ELs privados cabe destacar espaços de *shoppings centers*, pátios institucionais etc. A nova etapa da pesquisa trata da forma urbana no Brasil; produção e apropriação e sua relação com os ELs. na atualidade. Trabalhamos com paisagismo, espaços livres, morfologia urbana, forma urbana, e paisagem. Nesse sentido as expressões morfológicas são importantes para nós. Cabe ressaltar que no Brasil não há uma forma padrão, toda forma espelha seus modos de conflitos, limitações e vantagens. Os Els são inerentes à forma urbana. Fazem parte da estrutura em movimento. É a movimentação dos cheios e dos vazios. Morfologia, dinâmica ecológica, drenagem, forma de parcelamento do solo, relação com os ELs vegetados, tudo isso nos interessa. O processo de produção como ele é realizado, essa é a grande discussão nossa. Quais são os agentes? Temos políticas públicas, população, setor imobiliário etc. Há ações informais do cotidiano, as formais e as ações programadas pelo Estado. O que podemos dizer é que algumas formas são recorrentes nas cidades brasileiras, ou seja, certas figuras existem em várias cidades. Mas é importante trabalhar com várias escalas da mancha urbana, do intraurbano, do bairro, da rua.



9h:45m- Potencialidades urbanísticas de Vitória – Prof. Cleber Frizzera

Me preparei para falar de felicidade relacionada ao tema dos ELs, assim andei muito por esta cidade para elaborar essa fala. Fui secretário dessa cidade por 8 anos e sei, conheço cada canto desta cidade. Vi que a população utiliza muito seus espaços livres, das parias aos morros. Resolvi falar da alegria porque estava falando com muita tristeza sobre a cidade. Resolvi mudar o discurso. No final da manhã de ontem tinha um grupo de chorinho numa praça... é possível pensar numa cidade feliz: Vi uma notícia no jornal: a insuportável vida nas cidades, essa que nós acadêmicos achamos ou o que a população usa. Nunca recebi nos meus anos todos de trabalho alguém me pedir para deixar a cidade, todo mundo quer ficar nela, quer ficar em Vitória. Por que nós achamos que nossa cidade é ruim, quando 80% das pessoas quer ficar aqui? Elas vem para cá para não voltar mais? Será que não valeu apenas todo o sofrimento? A cidade é o lugar dos homens e das mulheres e por excelência é cidade de amor. Esse amor de homens, de crianças, de mulheres só pode ser construído na lei do amor, não com a ganância e a vaidade dos poderosos vestidos de juizes e promotores, mas há a solidariedade de amigos e vizinhos. Há otimismo para a construção das cidades. Mesmo quando nós temos índices de violência contra a mulher muito graves no Espírito Santos, mais altos do que os do Piauí. Perdemos ali e aqui, mas no luto, na perda, fazemos, pensamos, como arquitetos um mundo melhor. Temos que superar limitações, a ideia de que somos tristes, e assim seríamos porque faz sombra no centro da cidade por causa do maciço, será que foi em vão o esforço de Saturnino de Brito, no século retrasado? Lembro do meu pai, que imigrante de italiano, com Alzheimer, saía pela rua e dizia que iria a Trento, onde ele nunca esteve. Precisamos repensar a Grande Vitória, refém de duas ou três indústrias, Vila Velha é só uma cidade dormitório, um erro de planejamento. Não teremos mais um crescimento sem fim, estamos perdendo população, como planejar para esta cidade que está perdendo gente? Estamos chegando numa outra urbanidade, 27% da população de Vitória, vivem sozinhos, uma cidade que mudou, mas que ainda tem uma dívida social muito grande com o povo vivendo nos morros. Por exemplo o sistema de transporte e de saneamento é do Estado, onde os municípios ficam aquém, aliados do

planejamento. Temos de ser capazes de gerir esta cidade. Vitória é mais ou menos do tamanho físico de Paris, temos muitos Els, Paris tem mais, mas temos um montante considerável. Temos de ter coragem de propor que as cidades são os melhores lugares para morar, porque aqui se construiu a liberdade, a vida em comum. É preciso acreditar na cidade e fixar nossos jovens porque senão eles vão embora, meus três filhos saíram de Vitória e não voltarão. Cidade é economia, território, povo, emprego. A cidade é o lugar da felicidade, Vitória tem tudo para se orgulhar e deixar de ser província. Nós somos capazes de fazer isso e muito mais, por exemplo, temos de fazer calçada, é lá que tem a vida pública. Temos de ter um sistema de mobilidade que não seja mais em eixo. Leio uma poesia de um americano.



10h:20m - Investimentos anunciados para o Espírito Santo 2012-2017. Msc. Pablo Lira – IJSN (formação em geografia)

O Instituto Jones trata de dados, compilações de dados nacionais, vinculado ao observatório das metrópoles, produz informações, estudos estratégicos para o desenvolvimento de políticas públicas. O que nós trazemos aqui é um produto do Jones. Estamos na última versão, analisando o período de 2012 e 2017, trazendo informações estratégicas para pensar o uso e a ocupação do território em todo o ES. Primeiro trazemos os montantes da carteira de investimento de 113, bilhões para o período, são investimentos públicos e privados. A fundação SEADE em SP, tem uma pesquisa parecida com a nossa de apuração dos investimentos anunciados nos estados. Há algo também em escala federal. A metodologia tem um corte de projeto acima de 1 bilhão de reais e agrupa os investimentos de acordo com a atividade econômica. Os projetos são indicados em dólar. Consideramos todas as autarquias, secretarias municipais e estaduais, Sinduscon etc. É uma busca eterna de capturar informações e estrutura-las em bases de dados. Pegamos alguns resultados por setores e assim agrupamos os investimentos. 55,2% estão no setor de infraestrutura (sobretudo energia, petróleo e gás), temos 27% na indústria, 3,7% em arquitetura e urbanismo. Pensamos nosso estado daqui para frente, nesse período econômico, a base da cadeia de petróleo e gás é o que temos de aproveitar para melhorar a qualidade de vida da população. São investimentos em energia, indústria, arquitetura e urbanismo, educação, saúde, segurança, lazer, setor portuário. E há um recorte por microrregiões: 26% deles cabem à região metropolitana, a

região litoral sul recebe 42,3% dos investimentos. 63% do PIB do Estado vem da Região Metropolitana de Vitória. Construção civil como *shopping centers*, imobiliários, petróleo e gás, hospital, Vale do Rio Doce, Codesa expansão do porto, Complexo Tubarão, etc. são fundamentais.



10h:45m- Tendências imobiliárias na Grande Vitória. Formato e localização de empreendimentos – Sebastião Constantino Dadalto - FINDES – Sinduscon

Aqui é um pólo de talentos, a universidade. Agradeço o convite. 105 milhões o Findes investirá em educação ainda em 2013. Outro tema que a gente discute muito é o de mobilidade urbana. Temos contribuição nesse sentido, mas importante é ter muita vontade política. Falamos aqui em densidade de Vitória, ela é pouca densa, mas já foi mais. O bairro Jardim da Penha foi a comunidade que mais lutou por densidade, ela é mais densa, pegamos a densidade de 4 andares em Penha e aumentamos para 10 andares na orla, criando espaços livres. Em certos lugares temos ainda índice 8! Temos de descer os índices. Estive em Marabá, e propuseram um bairro em folha de castanheira, que virou um adensamento muito grande. É importante respeitar e discutir os índices, senão não sobra espaço para a gente caminhar. Falemos então da tendência imobiliária da Grande Vitória. Serra (467 milhões de habitantes), Cariacica (376), Vila Velha (458), Vitória (348). Vejamos: 52% do mercado é em Vila Velha que está muito adensada, depois vem Cariacica. Temos 7 grandes *shoppings*, eles são adensadores de população. Unidade de construção comerciais e residenciais em 2012 foi de 35.000 unidades, 5.200 unidades do Programa Minha Casa Minha Vida, nos 4 municípios. Camburi é o maior canteiro de Vitória. O maior preço do metro quadrado é em torno de 6.000 reais e o menor preço é de 3.900 o metro quadrado. Destaque para as seguintes áreas: a região da Seasa onde está sendo construído um *shopping center*, pois a Seasa saíra de lá. É um pólo de uso misto. A outra região ainda em Cariacica é o estádio Cleber Andrade; na Avenida Civit, em Serra, a ideia é construir um centro; Portal de

Manguinhos (Serra), com equipamentos urbanos (faculdades e hospitais) e *shoppings*; Perto do *Shopping Boulevard* (em Vila Velha), lá precisa de um plano de mobilidade urbana, senão não vai andar; Enseada do Suá perto do *Shopping Vitória*; Goiabeiras onde se instalar um pólo tecnológico e faculdades; região Sul de Vila Velha com condomínio como o Morar Bem; tem o Alfaville de Serra. Esses são os pontos mais importantes de desenvolvimento imobiliário das mais diversas formas.



11h:05m - Áreas de interesse ambiental na Grande Vitória- Arq. Christianne Proviatti Bitencourt – IEMA

Tentei fazer a associação do tema com os SELs. São porções do território com características naturais ou culturais que estruturam a paisagem. Áreas de interesse ambiental são aquelas que merecem ser protegidas. São reservas legais, reservas indígenas, APPs, monumentos do patrimônio natural e as unidades de conservação. Há unidades de proteção integral e unidades de uso sustentável, se subdividindo em várias outras unidades. Como áreas de interesse de toda a Grande Vitória temos: Fundação: APA Goiapaba-Açu; Pq. Municipal Goiapaba-Açu; entre outros. Em Serra: APA Morro do Vilante, Mestre Álvaro, Lagoa de Jacuném, Praia Mole, Parque da Cidade, Santa Cruz, Costa das Algas. Em Vitória são muitas: EEM Ilha do Lameirão, APA do Maciço Central; Parque da Fonte Grande; Vale do Mulembá; Parque Moscoso; Horto Maruípe; Pq. Nat. Mun. Gruta da Onça; Parque Pedra da Cebola; Pq. Nat. Mun. Von Schilgen; Parque Morro da Canela... Em Cariacica: REBIO Duas Bocas, RDS Manguezal de Cariacica; APA do Monte Mochuara ... Em Vila Velha: Pq Munic. Morro da Mantegueira; Pq. Nat. Mun. De Jacarerema; Morro Natural Morro do Pepedo; APA Lagoa Grande; Ilha dos Práticos; Ilha dos Itaitis... Área de Abrangência: Baía de Vitória, integrando 4 municípios: Cariacica, Serra, Vila Velha e Vitória.



11.30 – DEBATE

- Questão: porque não citou outras áreas de empreendimentos, por exemplo, a duplicação da BR 101?
 - Questão: as áreas indicadas pelo Senhor (Constantino) são as mesmas que seriam úteis para a implantação de ELs.
 - Questão: A Terra Vermelha como é vista por vocês do setor dos grandes projetos: A população servirá de mão de obra para os grandes condomínios?.
- Observ. todas foram para o Sr. Constantino
- Resposta 1: Sobre o Mestre Álvaro: Estava na apresentação e estava no arquivo, mas foi retirado por ser considerado um investimento com maior prazo que os outros, que é a obra do contorno do Mestre Álvaro, que é uma obra que não se inicia, não traz esperança, porque quer ver acontecer mas não acontece. A área do entorno do mestre Álvaro tem grande potencial residencial, e a ideia é tentar fazer da cidade de Serra um município sustentável.
 - Resposta 2: Desenvolvimento equilibrado é o que todos desejamos. Para certa pessoa, ela mora de jeito equilibrado, mas isso depende de onde você mora. Mudanças no mercado imobiliário em 2004: alienação imobiliária. Em 2005 desenvolveu-se a indústria da construção, para levar moradia para população. Capitação de recursos na bolsa, e muitas dessas empresas vieram para Vitória, deixando um grande legado de desenvolvimento. Temos empresas da indústria da construção capixaba que hoje estão muito bem. Antes e depois da vinda das empresas da Grande São Paulo. O marketing imobiliário, de uns anos pra cá, virou varejo, vem aqui que tem desconto, compre mais barato... o marketing mudou, justamente por essa mudança com o varejo. O desenvolvimento imobiliário equilibrado não é só do ponto de vista de calçadas, espaços, mas também de serviços. O conceito de equilibrado também depende muito de cada pessoa. O viver feliz é o grande objetivo das pessoas, viver equilibrado é viver feliz. Tendo equilíbrio com comércio, serviços e indústrias. Essa discussão tem que ser vista do ponto de vista comercial, residencial e industrial. No mais, Terra Vermelha precisa ser

ordenada e será um novo centro de Vila Velha. É um bairro em transformação, dentro de 10 anos, estará muito diferente. Era uma região invadida, que hoje é um dos metros quadrados mais caros.

- Contraquestão: o Sr. Não respondeu minha questão, a de no. 2, ou seja adensamento e áreas livres.

- Contraresposta: Tudo depende dos índices, há muitos prédios gordos com pouca calçada e não fininhos com abundância de ELs.

- Questão 2 para o Silvio Macedo. Sobre o marketing imobiliário e os SELs, como articular isso?

Silvio Macedo: o mercado imobiliário é regulado pelo estado, mas não é ele que constrói a cidade. Em Vitória está tudo bem, mas as prefeituras vizinhas precisam atuar, precisam ter critérios a respeito dos ELs. O estado tem de ter uma diretriz.

- Questão: Pergunta do João Meyer: existe um fenômeno sobre a diminuição da população: no Brasil vamos ter uma perda da população daqui a uns 20 anos, e a velocidade de envelhecimento será extremamente rápida. A população vai diminuir em breve. Tem cidades, como Santos, que estava passando por um processo curioso: a população estava começando a diminuir, mas formando domicílios. Diminuindo a população, e aumentando domicílios: temos menos pessoas por domicílio. Temos uma demanda habitacional muito grande, apesar da diminuição populacional. Pergunta: Como anda a demanda de domicílios? Com zoneamento, com Programa Minha Casa Minha Vida, com financiamento...?. Qual é a ordem de grandeza aqui e para onde está se dirigindo?

- Questão: para a Cristiane. O que o sistema que vc mostrou tem de diferença do SNUC? E outra questão é: as imagens que você mostrou são maravilhosas, tem um estoque grande de espaços livres com paisagens naturais, não ficou muito claro, como são as conexões entre eles e uma reflexão sobre os espaços lindeiros e uma apropriação por parte do cidadão metropolitano.

- Questão: (eu): até que ponto os estádios de futebol são um atrativo para o mercado imobiliário?

- Questão: para a mesa, como chegamos num estado de felicidade como disse um dos palestrantes? Queria ver isso na visão de cada uma.

- Resposta: (Pablo Lira) A demanda por domicílio: até então tínhamos 3,5 milhões de habitantes, e 42% residiam na Região Metropolitana de Vitória (RMV). Esses dados foram atualizados, e hoje são 48% na RMV. Algumas alterações: na região metropolitana é interessante a conformação geográfica, de expansão da mancha urbana, que acaba não colocando Vitória como a região mais populosa da região metropolitana, e sim Serra, pela incorporação de uma região norte de Vitória também. Em termos de densidade demográfica, se formos ver a região metropolitana, Vitória é o município com maior densidade demográfica. O que vemos é uma concentração bem densa em Vitória, Serra com mais vazios operativos urbanos ainda não ocupados, também por conta da própria extensão territorial do município. Sobre a demanda por domicílios, temos uma média do estado de 1,2 milhões de municípios, mas analisando o *déficit* habitacional, no Estado, segundo dados da PNAD, o déficit de até 3 salários mínimos é de 60 mil unidades habitacionais. Em 2010 esse número estava em 80 mil, e agora 60 unidades habitacionais. Houve uma diminuição, considerando a característica do Estado. Na região metropolitana acaba concentrando uma parte dessa demanda, até pela questão histórica. Sobre o comentário da Sonia, se formos olhar pela perspectiva da expansão da Grande Vitória, e consolidação do Condevit em 2005, e de 2005 pra cá, houveram iniciativas positivas, que na década de 70 e 80 não se olhava a região metropolitana como uma grande cidade. Tem muita coisa pra fazer, mas a iniciativa de pensar a região metropolitana de maneira integrada já é considerável. Olhar integrado vem avançando nos últimos anos. Vitória tem uma certa tradição na sua maneira de pensar o planejamento urbano, mas os principais municípios tem buscado uma integração. Como construir uma cidade mais feliz: com esforço coletivo, com integração, buscando equilíbrio. O que a 20 anos atrás não tínhamos esse tipo de discussão, também com

mais participação da população, e também da universidade. Estudo do Roberto Lobato Correia: atores que constituem o espaço urbano: proprietários de bem de produção, ou proprietários de grandes empresas, estado e sociedade, os atores que pensam, planejam e tomam decisões, de acordo com interesses difusos e coletivos, tem que olhar para as áreas e buscar um esforço coletivo para promover uma melhor qualidade de vida para a sociedade. Fórum de debate de construção coletiva.

- Resposta: nosso sistema não difere muito do SNUC e temos sim uma intenção de fazer um corredor ecológico. As unidades de conservação de proteção integral não são mesmo de uso da população, somente aquelas de uso sustentável. Os mais próximos são os parques urbanos. As unidades as vezes estão mais distantes do centro urbano. O maior uso é assim, dos parques.

Outra resposta, sobre a cidade mais feliz, sou pessimista, espero que a sociedade atue com o poder que tem.

- Resposta: depois dos estádios mudamos de patamar mundial: público confortável e atleta feliz, com qualidade. O quanto isso é bom para o mercado imobiliário? Bem, construímos muitos quartos, complementarmente a isso geramos ocupação dos *shoppings* e dos hotéis, isso deixa a cidade mais feliz. O brasileiro gosta de futebol e isso atrai muito a indústria imobiliária. Precisamos trancar os técnicos numa sala e buscar a felicidade, isso se o ministério público deixar.

- Resposta: (Silvio), sobre a felicidade. Uma cidade paisagisticamente e urbanisticamente adequada para o cotidiano da população, com qualidade para todos. Isso varia para cada um, mas há lugares que são melhores ou piores para a maioria. Onde nós falhamos? Quando decidimos que todos deveriam ter um carro, assim se fez uma cidade para isso e fizemos, até isso, muito mal. Atrasamos muitas coisas. A questão da renda é importante também. Se as pessoas que tem recursos por vezes moram mal, quem dirá os outros. Nós nos contentamos com muito pouco, nossa visão de cidade é muito pobre. Como a gente está encarando como viver na cidade: Temos que pensar na felicidade, mas mais que tudo na cidade.

- Questão: (Para Pablo): quando são pensados esses grandes projetos para o Estado, se pensa no urbanismo também e na expansão da cidade?

- Questão: (para Silvio): se a cidade não é planejada como ficam os espaços livres?

- Questão: (para a mesa): Vitória tem uma densidade me torno de 60 habitantes por hectares, é uma densidade baixa. Veja Terra Vermelha com grande adensamento, mas com empregos em Vitória.

- Resposta: (de Pablo): sim, pensamos e estudamos os zoneamentos urbanísticos, por exemplo, mais estudo de impacto ambiental, de impacto de vizinhança etc. Sobre a mobilidade temos um transporte urbano metropolitano, é um avanço, mas ainda há muito o que fazer. Nosso caso não é dos mais caóticos do país.

- Resposta: (do Sr. Constantino). É possível pensar em imóveis com vaga de automóvel zero!



12h:45m almoço

Dia 2 de setembro de 2013 – tarde

14.35 – Prof. Dr. Silvio Soares Macedo – Paisagem urbana e espaços livres

Se quisermos trabalhar a forma da paisagem e o sistema de espaços livres, alguns pontos precisam ser destacados: - Unidades de paisagem: Esse termo tem diversas compreensões. Quando trabalhamos com unidades de paisagem iremos trabalhar com áreas homogêneas (relativo grau de homogeneidade morfológica). Como se separam e se identificam unidades de paisagem? As unidades de paisagem são um modo geral de se classificar, mas existem modos mais específicos, como o de padrões morfológicos. Cada segmento tem uma relação com o tecido urbano, e os espaços construídos e espaços livres se associam de algum modo. Em uma grande área costeira, por exemplo, a praia poderia ser identificada como elemento. A área verticalizada também. Depende do critério adotado, e das categorias criadas. O objetivo é entender o objeto que está sendo estudado, que são as estruturas morfológicas gerais e como os espaços livres se relacionam com elas. Outra questão que precisa ser considerada é onde estão os espaços livres. Analisando um mapa de espaços livres intraquadra de Vitória, podemos observar as grandes áreas não ocupadas, e as áreas com muita ocupação dos lotes. É possível perceber o nível de ocupação da ilha principal.

Avançando nessa questão, começamos a trabalhar os critérios, para compreender as unidades morfológicas que podem ser identificadas, de maneira a relacioná-las com os espaços livres. Dentre o que foi classificado estão áreas de parcelamento tradicional, como edificações horizontais de tipos variados, de pequeno porte, quarta verticalizada, edificações horizontais e verticais; parcelamento não tradicional, como edificações de porte médio dispersas, edificação horizontal de grande porte, edificações horizontais de médio porte (não dispersas), quadra condomínio vertical, condomínio horizontal, entre

outros, e os enclaves. Foi feito um mapa sobre Vitória com essas categorias. A questão é categorizar morfologicamente, sem pensar na função de início. É lógico que quando é pensada a cidade como um todo não dá pra dissociar morfologia de função. O que significam edificações horizontais de pequeno porte? Para qualificar, tem que aprofundar. A referência é sempre a quadra, seus recuos, e os espaços livres em geral são as ruas. Pegando o padrão de recuos, para Vitória-ES, o mapa dá uma identidade razoável da cidade. Formas de inserção da arborização – complementando espaços, definindo espaços. Quadras verticalizadas: seguem padrões de acordo: com a legislação vigente; com as características do mercado imobiliário local formal e informal. As quadras verticalizadas em Vitória são próximas ao litoral em geral. Também existem tipos de verticalização, com padrões de ocupação na quadra e gabaritos distintos. Na própria ilha, os padrões são diferentes, quanto dos espaços livres nessas grandes quadras são residuais, quanto são funcionais, e o quanto tem de espaço livre público. Com a nova urbanização em Serra, qual o padrão de ocupação das quadras verticalizadas que está sendo utilizado? O espaço livre na região de Serra é viarista, não é um espaço para as pessoas ocuparem. Já em Vila Velha, quando olhamos as quadras verticais, existe outra relação de proximidade. Edificações horizontais e verticais: de portes variados. - As formas (espaços livres e edificados) propostas pela legislação:

Índices urbanos são sempre genéricos, não garantem 100% da qualidade urbana, e não garantem densidades. Que tipo de paisagem queremos? Qual a cara da cidade? A inquietação da oficina tem a ver em pensar a cidade, e como entendemos ela. Qual o padrão de qualidade urbana dado pelo seu sistema de espaços livres? Existem uma série de possibilidades para cada lugar, a ideia não é chegar em uma proposta, mas estabelecer critérios de qualidade, e pensar a paisagem urbana com suas formas em Vitória.



15h:10m- Prof. Dr. Eugênio F. Queiroga: Atividades dos grupos de trabalho
Estamos propondo 4 grupos de trabalho:

Grupo 1 – Os espaços livres na constituição das unidades de paisagem

Compartimentação da paisagem em unidades na escala intraurbana/metropolitana. Objetiva-se identificar e analisar criticamente as áreas homogêneas (relativo grau de homogeneidade morfológica). Considerem-se as variáveis:

- suporte biofísico (aspectos geomorfológicos, relevo, hidrografia e cobertura vegetal),
- estrutura viária e grandes estruturas morfológicas (áreas industriais e de logística, áreas centrais, áreas verticalizadas, áreas horizontais, loteamentos isolados, grandes parques urbanos etc.)

Apresentação:

- Mapas com indicação das unidades, estrutura hidrográfica e viária metropolitana.
- Croquis e ou fotos ilustrando as principais características de cada unidade de paisagem
- Quadro com os seguintes tópicos (colunas) para cada unidade de paisagem (linha):
 - características físico-formais, ELs e espaços edificados,
 - características ambientais (contribuições e impactos);
 - dinâmica sócio-espacial atual;
 - apropriação dos espaços livres para o cotidiano e para a esfera pública;
 - qualidades estéticas e físico-espaciais;
 - conflitos de uso e conflitos sócio-ambientais;
 - potencialidades para a qualificação de seu subsistema de espaços livres e formas urbanas.

Grupo 2 – Os espaços livres na constituição dos padrões morfológicos

- Identificação e análise dos padrões morfológicos na escala dos fragmentos do tecido urbano desde a escala da quadra urbana.
- Objetiva-se reconhecer e analisar criticamente categorias de padrões morfológicos com ênfase nos espaços livres, tendo como base os mapas temáticos produzidos no Lab QUAPÁ e o conhecimento do grupo sobre os padrões existentes na Grande Vitória.
- Considerem-se as variáveis:
 - suporte biofísico (aspectos geomorfológicos, relevo, hidrografia e cobertura vegetal),
 - malha viária, estrutura fundiária (Loteamentos abertos e ou fechados, dimensões dos lotes, condomínios horizontais e verticais, arruamentos parcelamentos informais)

Apresentação:

- mapa com indicação da ocorrência predominante dos principais padrões morfológicos, rede de parques, estrutura hidrográfica e viária metropolitana;
- croquis e/ou fotos ilustrando os principais padrões morfológicos;
- quadro com os seguintes tópicos (colunas), para cada padrão morfológico (linha):
 - características morfométricas dos espaços livres e espaços edificados;
 - características ambientais (contribuições e impactos);
 - dinâmica de produção atual;
 - relação com os espaços livres para o cotidiano e para a esfera pública;
 - qualidades estéticas e físico-espaciais;
 - potencialidades de transformação.

Grupo 3 – As formas (espaços livres e edificados) propostas pela legislação

- Simulação dos espaços livres e volumetrias edificadas segundo os parâmetros da legislação ambiental, de parcelamento do solo e de uso e ocupação do solo.
- Objetiva-se analisar criticamente as formas dos espaços livres e edificados possíveis e propostas pela legislação, considerando as questões ambientais, estéticas, de uso cotidiano e de apropriação pública.

Apresentação:

- mapa com síntese das leis de zoneamento, com as unidades de conservação ambiental e demais áreas de controle ambiental e demais áreas de controle ambiental e com a estrutura hidrográfica e viária metropolitana;

- quadro com os seguintes tópicos (colunas), para cada padrão morfológico desenhado (linha):
 - características morfométricas dos espaços livres e espaços edificados;
 - características ambientais potenciais (contribuições e impactos);
 - relação potencial com os espaços livres para o cotidiano e para a esfera pública;
 - qualidades estéticas e físico-espaciais;

Grupo 4 – O papel concreto dos agentes de produção dos espaços livres e edificados

- Objetiva-se discutir criticamente:
 - o papel concreto dos agentes de produção dos espaços livres e edificados
 - os impactos de suas ações na produção da forma urbana, na dinâmica ambiental e ecológica e na (des) qualificação da vida pública (cotidiana e política).
 - Identificar os agentes sociais concretos do Estado, do capital e dos grupos sociais,
 - suas principais ações diretas na produção e gestão dos espaços livres (inclusive os destinados às redes de infraestruturas urbanas) e edificados,
 - as relações entre os atores, os interesses comuns e conflitantes entre eles.

Apresentação:

- mapa identificando as principais áreas de atuação do mercado imobiliário formal e informal,
- vetores de expansão,
- principais produtos espaciais,
- ações diretas dos agentes públicos na produção espacial (obras de infraestrutura, PMCMV, etc.),
- as áreas de conservação ambiental,
- quadro com os seguintes tópicos (colunas), para cada padrão morfológico desenhado (linha):
 - principais produtos realizados, em implantação ou em fase de diretriz ou projeto;
 - características ambientais de sua produção espacial (contribuições e impactos);
 - dinâmica de produção atual (fraca, moderada ou forte);
 - dinâmica de produção atual (fraca, moderada ou forte)
 - relação potencial com os espaços livres para o cotidiano e para a esfera pública;
 - qualidades estéticas e ou físico-espaciais,
 - potencialidades de transformação diante da morfologia existente.



16h:50m. Divisão dos grupos e início da oficina



19h:00m. Fim dos trabalhos do dia com a oficina.

Dia 3 de setembro de 2013 – manhã
--

9h:00m. Profa. Dra. Eneida Mendonça- SELs e a constituição da esfera pública contemporânea. Estudos de casos em metrópoles/cidades e novas territorialidades urbanas brasileiras.

No primeiro Colóquio foi debatido e proposto um quadro, propondo compreender os espaços livres dentro de algumas articulações. Procurou-se entender as articulações físicas, os atributos ambientais e paisagísticos que conformam o sistema (serras, morros, complexo de manguezal), articulações econômicas (região do porto, Vale, Complexo de Capuaba, ferrovias), procurou-se localizar as articulações socioculturais de maior relevância (ilha das Caieiras, congo, manifestações diversas). Foi destacado só o que é de equilíbrio ambiental em um mapa, existe o levantamento do corredor ecológico da Reserva Duas Bocas e APA Mestre Álvaro: nessa área a ocupação é bem dominante e há discussão da legislação sobre essa área. Identificamos espaços livres potenciais, espaços livres de práticas sociais (que envolvem praças, calçadões, parques). Fizemos também um estudo sobre a abrangência das praças e parques localizados nessa região. Mapas de cheios e vazios, mostrando a variação da forma de ocupação e do tipo de parcelamento. Fizemos ainda, um mapa da tipologia de ocupação por atividades econômica de forma mais geral, mapa com os afastamentos (verificou-se predomínio de não afastamentos), e dentro desse olhar criamos algumas fichas de tipologia de implantação. Vimos espaços livres privados em Cariacica: procurou-se fazer um levantamento semelhante ao de Vitória. Procuramos trabalhar com georeferenciamento, mas de fato é um procedimento que não conseguimos manter, por não ter muito suporte no curso de arquitetura e familiaridade dos arquitetos com a ferramenta. O último trabalho, o que foi apresentado em Portugal no PNUM 2013, relacionamos a paisagem atual com a história, na busca de compreender a modificação da paisagem ao longo dos anos. Modificações na década de 1970 e 1980 – período importante. Chegou-se em quatro referências tipológicas, relacionando a paisagem com o Sistema de Espaços Livres. Posteriormente percebeu-se mais um elemento, totalizando cinco principais situações de implantação e relação da arquitetura com o SEL. São elas: 1 – relação do centro, com edificações antigas e algumas mais recentes, com um traçado que mescla período colonial e republicano, o que vai gerar uma ocupação mais intensa e uma relação específica com o SEL. 2 – região leste, planejada por Saturnino de Brito, com ocupação menos densa, com espaços livres públicos bem tratados. 3 – bahia noroeste. 4 – ilha do Frade, com implantação com muitas áreas livres, espaços livres privados, e espaços livres públicos planejados desde a origem. 5 – ocupação intermediária, que pode envolver Bairro de Lourdes, entre outros, que apresentam espaços livres e relações intermediárias

9h:30m: retorno ao trabalho de equipe na oficina.

12h:30m - almoço

Dia 3 de setembro de 2013 – tarde
--

14h:00m- Espaços Livres, renda da terra e projetos Minha Casa Minha Vida na Região Metropolitana da Grande Vitória – Prof. Dr. Cláudio Zanotelli – PPGG:UFES

Temos que discutir a privatização dos benefícios na cidade e socialização dos prejuízos. Uma relação de captura da renda da terra, é uma grave questão fundiária. Como o setor imobiliário tem atuado? Partimos da renda absoluta, da renda diferencial da terra urbana e da renda de monopólio que tem causado uma valorização extrema da propriedade. A expansão está em áreas precárias geomorfologicamente falando, e avança para áreas rurais. Temos vazios em todas as áreas da metrópole estendida, e assim, especulação. Por exemplo, em Serra a área urbana é pequena e há nela muitos vazios urbanos. A propriedade fundiária é concentrada nas mãos de três, ou quase isso, proprietários. São terras da área rural, mas já estão bordeando o perímetro urbano. Como tão poucas famílias detêm tantas terras numa área metropolitana? Aliás, numa região que tem muito pasto (33%), cultivo de eucaliptos (19%), agricultura (que vem comendo a mata). Mapeamos com auxílio do que sai na mídia, os pólos que vem possibilitando a valorização fundiária na RMGV. Pensando em dados de domicílios vagos e de déficit habitacional de 2010, 60.000 domicílios vagos, déficit de 5.000, e 35.000 imóveis em construção até o ano passado. Onde estão tantos domicílios vagos? Então porque se constrói tanto? Por que os preços continuam aumentando? Uma resposta é o monopólio. Vide também os valores do metro quadrado de 2005 a 2012, que dobraram no período. Pensemos no MCMV: mais da metade está na RMGV, isso considerando todo o estado. Em Serra não tem nenhum, sendo construído na faixa de 3 salários mínimos. Na faixa de 0 a 3 só temos um concluído em Vitória, 1 em Cariacica, e em previsão há outros em Cariacica. Todos eles estão nas franjas, com raras exceções. Todos acompanhando o modelo dos loteamentos fechados, com guarita, câmaras, segurança privada etc. A cidade, em sentido pleno, está longe desses projetos. Os principais agentes são: Estado, o conjunto do setor imobiliário, os rentistas da terra e dos imóveis. Eles devem ser investigados.



14h:30m- Retorno ao trabalho na oficina



17h:00m- Apresentação dos trabalhos do quatro grupos

GRUPO 1 – Unidades de Paisagem

Ocorreram conflitos, quanto ao número de Unidades efetivamente existentes. Também conflito em relação ao domínio do território. Em alguns locais ficou uma legenda muito ampla para algumas áreas. A primeira unidade corresponde aos afloramentos rochosos: maciço central, Mestre Álvaro, Rochoara, entre outros, que são muito presentes na paisagem da região. Caracterizaram o elemento do corpo de água, que não é uma unidade de paisagem, mas que estrutura a paisagem. A segunda unidade corresponde às áreas de mangue, bem representada pelo lameirão. São áreas planas de preservação. Dividem-se em 2a e 2b, de acordo com o ecossistema. A terceira é a orla verticalizada, centro de Vitória, mata da praia, entre outros. Existe a relação entre a área urbana e a água, a região central também foi considerada nessa categoria, embora tenham suas diferenças, podem ser enquadradas nesse mesmo sentido. A quarta unidade corresponde a orla com espaços vazios/horizontais. Uma ocupação de orla horizontalizada, com novos loteamentos acontecendo. Características físico-formais: espaços edificados com até dois pavimentos, espaços livres com lagoas, matas, unidades de conservação, vias, praça, orla e Jacaraípe. Dinâmica sócio-espacial atual: média densidade populacional (pontual), previsão de crescimento, heterogeneidade social. Apropriação dos espaços: uso da orla para lazer, esporte, comércio, pesca, preservação. Diferente da ocupação verticalizada tem-se uma diversidade maior em relação ao perfil socioeconômico. Conflitos de uso e socioambientais: “ocupação desordenada”, conflitos de áreas de preservação com tendência de ocupação (margem da lagoa). Potencialidade para a qualificação: incrementar o uso para lazer e turismo com ações de educação ambiental. A quinta unidade de Paisagem se refere às áreas continentais de alta densidade: Cariacica, parte da região de Nova Almeida, uma parte do Jardim da Penha. A característica físico-formal é a área ser horizontalizada (até 4 pavimentos), espaços livres configurados pelas vias, praças, áreas particulares (intra-lotes). Áreas altamente impactadas em termos ambientais, com grandes áreas pavimentadas e pouca permeabilidade do solo. Apresenta heterogeneidade social. A apropriação se dá pelo uso das áreas livres e espaços públicos para lazer e economia informal. Conflitos socioambientais não foram identificados pelo grupo. Potencialidades: incrementar o uso de serviços e lazer com qualificação dos espaços. A próxima Unidade de Paisagem corresponde à ocupação de áreas de uso misto, horizontal, vertical e residencial. Outra Unidade foi a de ocupação de grande porte, portuária, industrial, aeroportuária e institucional. A princípio esses espaços estavam separados, porém foram incluídos. A UFES foi uma polêmica, pois não se encaixava em nenhuma Unidade de Paisagem, e foi incluída nessa unidade, enquanto ocupação de grande porte. Também se distinguiu a área com predominância rural. Conclusão: todos perceberam que a cada vez que se analisava outras questões surgiam. Talvez seja importante que as pessoas

tenham conhecimento efetivo do território, não só de visão aérea, mas de vivência mesmo. Faltaram noções de classificação desse espaço, muitas vezes uma questão tinha mais peso que a outra, como a questão do zoneamento, entre outros aspectos.



GRUPO 2 – Padrões morfológicos

Processo de trabalho: primeiro identificou-se o tipo das edificações e o porte delas. Discutiram-se as áreas verticalizadas, localizadas principalmente nas áreas litorâneas. Dividiu-se em relação ao traçado viário, padrão de lote (muitas vezes levantado por memória e vivência), e características morfométricas, o que foi uma caracterização praticamente por lembrança. Sentiu-se dificuldade em realizar o mapeamento, e em como detalhar na escala que foi pedida. Fizeram-se, então, esquemas de manchas e predominâncias. Tem um conhecimento maior de Vitória e Serra, mas Campo Grande e Cariacica tinham menos conhecimento. Encontramos de 10 a 12 classificações: 1) conjuntos habitacionais, 2) condomínio vertical, 3) condomínio horizontal, 4) Vertical tipo 1- orla, 5) Vertical tipo 2 – mais adensado, com menos afastamento, mas ainda na orla da praia, 6) Vertical tipo 3, 7) loteamentos isolados, 8) galpões, 9) horizontal tipo 1- em relevo, 10) horizontal tipo 2 – em aterros de mangue, 11) horizontal tipo 3, 12) horizontal tipo 4, 13) Vertical tipo 4 (vertical baixo). Conjuntos Habitacionais – nos referimos a todos os conjuntos criados, principalmente na região de Serra, e que hoje já tem uma implantação com configuração diferente. Características: lotes de 10x20 e 10x15m, afastamentos laterais de 1,5m, vias de 9m (aproximadamente), há vias principais e vias locais, que são de até 2 pavimentos. Nos conjuntos não há um tratamento paisagístico específico, mas existem pequenas praças associadas ao eixo viário, e também predominam espaços livres intralote. Na região da Serra, todos os condomínios são delimitados por áreas nativas de grande porte. O padrão da malha viária em geral é ortogonal. Condomínios verticais: grandes terrenos, com edificações de 5 pavimentos ou mais. Exemplo de um empreendimento de Serra, relativamente novo, da Rossi. Percebe-se que a implantação das edificações geram espaços livres que são ocupados por estacionamentos, e as áreas de convívio e lazer se concentram em uma única área, e que nem sempre são áreas permeáveis. Condomínios horizontais: vias internas são os principais espaços livres, quando existem quintais são na frente e nos fundos, não há muro entre as edificações, e tanto os condomínios horizontais quanto os verticais não proporcionam, com o entorno imediato, uma noção de vida urbana. Nesses condomínios fechados potencializam a atração de investimentos, que atendem não só o condomínio, mas também um pouco mais da região. Vila Velha e Vitória têm condomínios desse tipo, principalmente verticais, enquanto que os horizontais predominam mais na região de Serra. Em Serra se encontram torres mais altas que em Vila Velha. Na orla de Vila Velha, dividiu-se o vertical em tipos 1 e 2, para diferenciar as torres mais altas, também com afastamentos laterais maiores, e que formam uma faixa muito homogênea. O vertical tipo

2 é muito mais adensado, com afastamentos menores, principalmente na orla da praia. Dentro dos lotes as garagens em geral ocupam os primeiros andares, então não há espaços livres na altura do pedestre, somente acima da torre de estacionamento. Vertical tipo 3: região centro de Vitória, com edifícios colados uns aos outros, e não há grandes afastamentos. Há loteamentos isolados, que diferem dos condomínios horizontais porque não são entregues logo com casas, então tem uma construção gradativa. Logo os espaços livres atuais são bem variáveis. Áreas de galpões, e áreas industriais. Acompanham BR 101 na região de Serra, também acontece na BR 262, na saída de Vitória. A nova legislação exige que os funcionários tenham espaços de lazer, então as áreas estão mudando de caráter. Existe uma preocupação maior com os espaços livres atualmente. Estabeleceram ciclovias, melhoraram o paisagismo, melhoraram os acessos para outros bairros. Em alguns casos, no intralote há também preocupação com tratamento e manutenção das áreas verdes, principalmente as fábricas que tem contato direto com o público, com *showrooms*, por exemplo. É uma possibilidade de transformação desses espaços. Predomínio horizontal na região como um todo: Horizontal 1: região de relevo, até dois pavimentos, há uma diferença em algumas áreas, onde as edificações ocupam mais os lotes do que as demais. Campo Grande, Itacibá, Cariaciba sede tem ocupação diferenciada em relação às demais. Horizontal 2: áreas sobre aterro de mangue, traçado das vias mais retilíneo. As edificações ocupam praticamente todo o lote, sem grandes afastamentos frontais ou laterais. Dificulta ventilação dessas residências. Na região da Ilha das Caieiras há intervenções do poder público e um valor cultural da região; valorização da área e investimento público. Horizontal 3: áreas de relevo mais acidentadas, como hinterlândia no município de Vila Velha. Edificações de 2, 3 pavimentos, vias de 15m, afastamentos, relação com espaço intralote e espaço da rua. Configuram um sistema de espaços mais interligado. Horizontal 4: residências afastadas dos limites dos lotes (com maiores recuos), como áreas de Jacaraípe, Ponta da Fruta, entre outros. São lotes maiores. Os espaços livres rodeiam essas residências e tem aspecto de veraneio. Vertical 4: região do Jardim da Penha, com verticalização intensa da quadra, ocupando praticamente todo o lote. Destaque para a região de Bento Ferreira, com edifícios de 10 pavimentos intercalados com residências de 2 a 3 pavimentos com padrão específico.



GRUPO 3 – Critérios que o plano diretor permite ser feito na cidade

Simulações do que a lei permitiria, analisando primeiramente um lote isolado e posteriormente como se fosse uma quadra. Critérios para seleção das áreas de estudo: cada município uma representação; cada município deveria ter uma área a ser estudada na região costeira (quando aplicável); áreas com baixa ocupação; áreas com fortes dinâmicas imobiliárias/fundiárias; áreas na ótica do Plano Diretor Municipal (PDM) eram mais permissíveis. Em Cariacica: são as orientações mais permissivas do PDM. Critérios para a simulação: foram selecionados dois lotes dentro das áreas de estudos, que são lotes abstratos. Nesse lote simulou-se um condomínio multifamiliar, o primeiro tamanho com o mínimo permitido pelo parcelamento, o segundo lote com o tamanho de aproximadamente 30x60 – 1800m². Tipo de ocupação: condomínio multifamiliar. Em todas as áreas de estudos, deve ser feita a simulação com dois tamanhos de lote. Sempre que possível a taxa de permeabilidade deverá ser localizada no afastamento de frente. Ocupar o máximo possível do lote, balizando (quando aplicável) gabarito, coeficiente de aproveitamento, taxa de permeabilidade e taxa de ocupação. Sempre que permitido utilizar estacionamento não computável e ocupar toda a área térrea (1º e/ou 2º pavimentos). Avenida Civit, em Laranjeiras: situação em que pode ocupar quase tudo nos primeiros pavimentos com estacionamento não computável, e as torres permitem um gabarito bem alto. Nessa região, os lotes mínimos são de 450 m², testada de 15, sem limite de tamanho do lote. Características: impacto na insolação. Permite maior proximidade com usos públicos pelos serviços permitidos no térreo. Não há controle morfológico, não colaborando para o caráter estético. Potencialidade de transformação: grande. Área livre ainda. Manguinhos: permite eliminar os afastamentos laterais, taxa de ocupação de 60% e permeabilidade de 15%, com limite de altura. Lotes mínimos de 300 m², testada de 12, sem limite de tamanho do lote. Gabarito reduzido que não gera barreiras de ventos e projeção de sombra na praia, ao mesmo tempo permite ocupação de grande parte do solo limitando a permeabilidade. Permite maior proximidade com usos públicos pelos serviços permitidos no térreo. Baixo controle morfológico, não colaborando para o caráter estético. Jardim Camburi, próximo ao aeroporto: nos dois primeiros pavimentos não precisa respeitar limites laterais, só os frontais, nos próximos pavimentos os limites laterais precisam ser respeitados.



GRUPO 4 – O papel concreto dos agentes dos espaços livres e edificados

O conhecimento do território é muito importante, e conhecer a região metropolitana como um todo. Foi um desafio. Conseguiu-se espacializar muitas questões. Em um primeiro momento tentou-se classificar os agentes da produção do território. Classificou-se esfera pública, e os produtos realizados. No governo federal, identificaram-se os produtos da BR 101, como sua duplicação, ampliação do aeroporto e do Porto de Vitória. Como características, identificaram-se melhorias infraestruturais, supressão e redução de áreas verdes, estreitamento do canal marítimo – alteração do contorno da ilha. A dinâmica da produção atual é forte, e o potencial dos ELs no cotidiano são reduzidos, e induz a redução deles. Como qualidades estéticas, são estruturas funcionais inadequadas na paisagem (barreira visual). Potencialidade: os projetos são de grande porte e induzem a ocupação e valorização do território. Pelo grande porte desses projetos estão sempre induzindo a ocupação e contribuindo para a valorização. O aeroporto, para a sua operacionalização, ele traz e produz novos espaços. Em relação às BRs, tem-se a fragmentação mas também a ocupação, gerando uma dinâmica de outros espaços. A decisão dessas obras é funcional. Também em relação à produção do Governo Federal, temos a produção do PMCMV de zero a três salários mínimos que estimulam uma forte periferização, e segregação, e tem uma pressão sobre infraestrutura pública e possibilidade de redução dos processos de “invasão”, embora isso não seja direto. Como dinâmica de produção atual, são projetos bem representativos, em relação aos espaços livres são poucos e desarticulados. Os espaços livres deveriam ser mais generosos. O arruamento é incipiente. O desenho é muitas vezes inadequado, e tem porte potencial para modificar drasticamente a paisagem. Terra Vermelha: misto entre multifamiliar, em tipologia de edifício de 4 pavimentos e residências horizontais. A APA de Costa das Algas é outro produto por parte do Governo Federal, é uma unidade de preservação, que é uma contribuição na proteção e conservação da fauna e flora marinha. É uma grande área livre, que fica no extremo sul dessa APA. Tem pressão de ocupação. Tem inclusive um loteamento nas proximidades. A área possui um grande potencial futuro, pelas suas qualidades ambientais. Não se sabe se essa área vai ser do poder privado ou do poder público. Está em discussão na prefeitura. Do Governo Estadual identificaram vários produtos, como rodovia Leste-Oeste, Cariacica-Vila Velha, o contorno de Jacaraípe, entre outros. As prefeituras estão atuando com projetos complementares nessa produção do espaço urbano. As empresas com base imobiliária têm diversos produtos no território: condomínios/loteamentos fechados de casas e edifícios de alto padrão, que são bem recorrentes no território. Na Serra há grande concentração desses empreendimentos, mas também em Vila Velha. Em geral são localizados em áreas ambientalmente frágeis, e que tem potencial paisagístico. As construtoras tentam caracterizar o setor aonde vão se implantar caracterizando a área como alto padrão. A relação dos espaços livres e esfera pública: segregação com a malha do entorno, ao mesmo tempo em que tentam criar espaços livres, mas que são privados. Impactos negativos: muros que isolam e que são aveludados por dentro e espinhosos por fora, pois esquecem a cidade. Repulsa da cidade. Possuem um grande potencial de transformação urbana, pois são grandes empreendimentos. Empresas sem base imobiliária: produzem plantas industriais de siderúrgicas e mineradores, que resultam em alto impacto ambiental pela produção de resíduos. É um vetor econômico de crescimento, mas geram grande impacto na mobilidade urbana. Atuação dos agentes é bem significativa, e a produção de grandes espaços livres, mas que são de uso restrito, pois se tratam de equipamentos industriais. No cotidiano da paisagem tem-se uma área industrial, que pode ser caracterizada como negativa em alguns momentos, e parcialmente dentro desses espaços tem-se arborização, parque da Vale do Rio Doce, ocupação de grandes áreas, significativa transformação da morfologia anterior existente. Em Cariacica: há um eixo importante que conecta a Vila Velha: via que está sendo feita pelo governo do Estado e que está parcialmente construída. Vetor de crescimento. Muitas coisas vão acontecer no entorno dela. Também tem a ver com a localização do *shopping* “Mochoara”. Em Vila Velha os

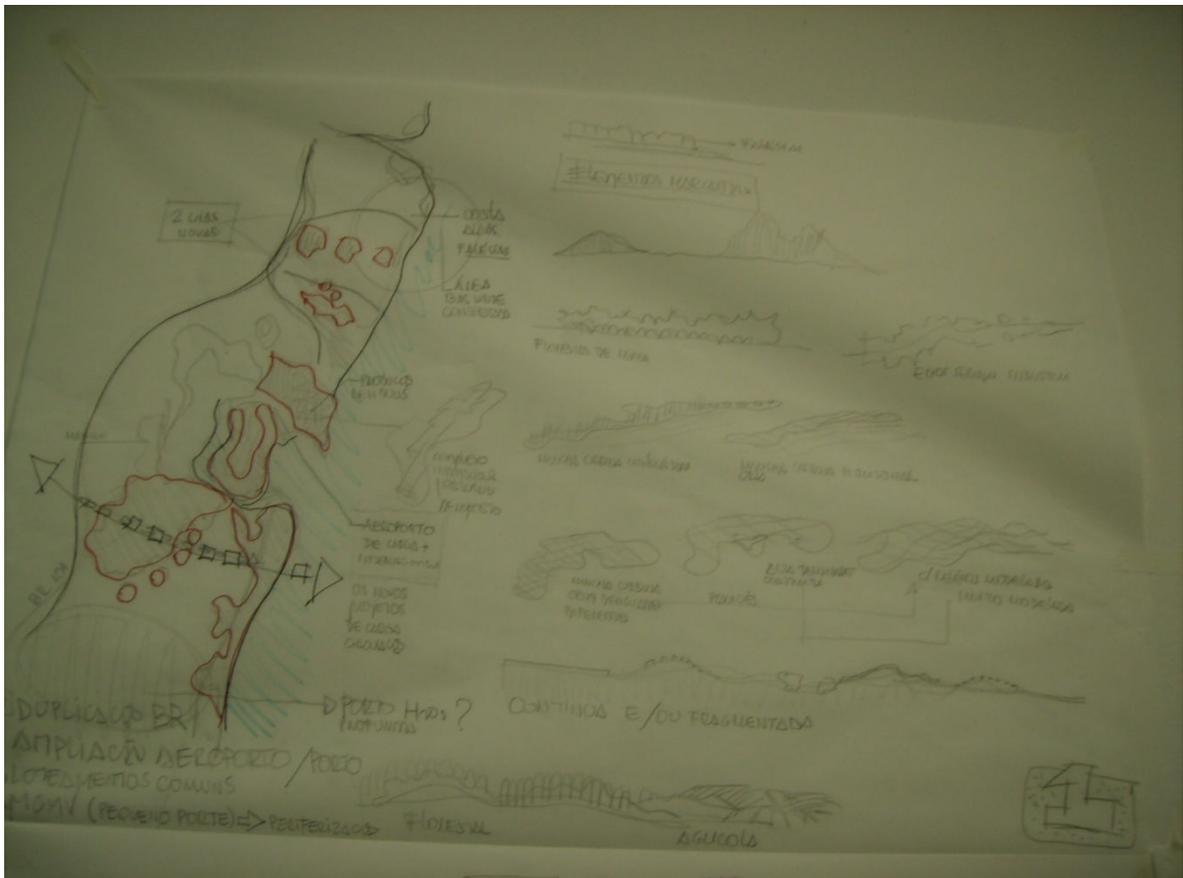
condomínios fechados também estão gerando dinâmica de crescimento. Possibilidades de crescimento na área do porto de águas profundas. Grandes vetores de crescimento no sul, e também no norte, em Serra.



18h30m: Prof. Dr. Sílvio S. Macedo - comentários

Quando venho para uma cidade eu penso nela dois ou três dias antes, o sobrevoo me ajuda na elaboração da síntese. Vamos aos grupos: O Grupo 1 não definiu unidades de paisagem, mas sim elementos da paisagem, fizeram outro tipo de divisão, que ficou também interessante, mas não é unidade de paisagem. No mais, esqueceram o mar, não falaram dele que é importante. (intervenção: o mar está no nosso dia a dia) Aqui o mar é estrutural, é importante citá-lo. Essa grande cidade que são esses 4 municípios tem uma dinâmica única. Essa é uma outra cidade, não é mais a mesma que eu conheci há 4 anos atrás. É uma cidade que está sendo construída para o automóvel. As indústrias estão sendo consideradas como vilãs, mas se não fossem elas não haveria Vitória.

Dissecaram o urbano em características, que não é igual à caracterização que o grupo 2 fez, pois pegaram as grandes áreas. A Grande Vitória é uma cidade só, não administrativamente, mas em termos de relação, é um contexto único. Quando o grupo 4 falou dos investimentos, do contorno do mestre Álvaro, as coisas que são distantes passam a ser conectadas em uma grande malha. Esse desenho está quase pronto, só precisa ser finalizado. Diferença entre cidade consolidada e a cidade fragmentada, com bairros desconexos entre si. Diferenças entre as construções: casas em encostas, prédios, etc. Há ações que estão construindo a cidade: duplicação da rodovia, expansão do aeroporto, PMCMV, entre outros fatores, que estão modificando a cidade atualmente. Quais são os parâmetros de qualidade urbana que me diz que o PMCMV não produz arquitetura de qualidade? As áreas industriais são construção humana como várias outras, não tem questão estética do que é feio e o que é bonito. O que é preconceito nas noções de qualidade do espaço urbano? Discutir não Vitória, mas os processos de produção de Vitória.



19H:00m: Debate final

- Participante: Questão industrial enquanto parte da dinâmica de desenvolvimento urbano histórico.
- Participante: Percepção da paisagem de acordo com seu ponto de observação. Primeiro e segundo pavimento ocupado 100%: para quem caminha na calçada não há possibilidades de observação de um olhar próximo, e passa a olhar para o horizonte.
- Eugenio: Provocação de novas reflexões. Grupo 1: a síntese foi boa, faltou tempo de juntar os dois subgrupos para que algumas questões pudessem aparecer. Trouxeram na discussão o que era liso e consenso, mas faltou também falar do que não era consensual.
- Grupo 4: grande empenho no mapa síntese e na discussão que de fato se objetivava, no entanto o quadro deu pouca margem para a apresentação das contradições. Na medida em que se trabalhou muito com linhas acabou não havendo atrito entre elas. A produção sendo protagonizada por 1 agente ela está se relacionando com outros. Essa discussão do embate entre os atores é muito importante.
- Grupo 2: olhar bastante minucioso, e contribuição do trabalho feito em São Paulo-SP.
- Grupo 3: critérios de seleção, o critério surgiu no fazer. Era uma necessidade do grupo 3 que tivessem critérios de seleção já que não seria possível percorrer todas as áreas. Como exercício rápido, a simulação acabava não dialogando com o espaço viário lindeiro. Diante de uma rua de 14m o resultado é distinto de uma avenida de 40m. É fundamental, na simulação, ter ao menos duas quadras com essa rua, ou avenida, para compreender a forma. Dimensão da calçada também. Novos empreendimentos podem ser pautados por áreas de aproveitamento e áreas de passeio que possam ser deixadas. A discussão pode ir além da separação da propriedade pública e privada, mas da relação do que o privado pode fazer destinando uma acessibilidade pública. O suporte biofísico desses quatro municípios é muito rico e muito peculiar. Há uma identidade muito forte. Esse suporte, em específico, ao trabalhar o sistema de espaço livres, tem um processo de produção, seja do espaço livre viário, seja do espaço privado, são muito comuns e banais, como todas as cidades brasileiras no geral. É um sistema desatento da realidade local. Será que os gestores atuais, como o gesto da Avenida da Penha, tem a segurança e clareza que cria beleza? Beleza é sempre um gesto cultural, histórico, mas temos que tomar cuidado com a apologia do relativismo. Temos que buscar o que é belo hoje, e se alguém achar, amanhã, que aquilo não é belo, que se discuta amanhã. O feio, então, existe só que pode ser considerado feio por um grupo social, e por outro não. Dessa necessidade desses processos efetivamente mais participativos, para reconhecer o que o outro julga de belo, e quando expomos os nossos juízos de belo, podemos entender o nosso preconceito. Os esforços de avaliação dos grupos ficaram muito presos aos conceitos preestabelecidos que nós tínhamos anteriormente. Busquemos, daqui para frente, analisar o espaço com parâmetros de avaliação que possam ser sempre aperfeiçoados, para que não fique um preconceito, com do belo e do feio da indústria. O adequado e o justo, socialmente podem dar certos parâmetros de discussão para diferentes grupos sociais, com seus preconceitos. Temos que ter a capacidade de avançar em sistemas de critérios baseados na cidade real, e aprender com ela, e não só estabelecer julgamento prévio.
- Eneida: Uma questão que apareceu mais: entusiasmo com estrutura viária da Serra. A Serra, no sentido de ocupação, é um município que tem uma ocupação dispersa, fragmentada. Essa forma de descrever a ocupação é da década de 1970 até o período atual. Nesse contexto, já foi mais fragmentada, e hoje está menos fragmentada. A característica das vias, que são vias de velocidade e que são vias para automóveis, já foi destacada na discussão, e elas são justificáveis para a conexão, mas ao mesmo tempo o posicionamento dessas vias tem a ver com a conexão de algumas propriedades particulares. Nós conseguimos ler essa conexão em função de interesses particulares, o interesse em construir empreendimentos de logística, residenciais, entre outros, e que é uma questão muito forte em Serra. É complicado o que vem acontecendo historicamente,

e também é complicada a relação que vem resultando. Em Serra os condomínios não são uma solução atual, já há alguns anos eles estão acontecendo lá. A proliferação desse tipo de forma de ocupação dificulta cada vez mais um entorno urbano que seja bom, que dê vontade de utilizar. Outra questão importante: em relação ao quadro técnico das prefeituras, que em Vila Velha e Cariacica ainda não está formado.



Dia 4 de setembro de 2013 – manhã

11h:00m- retorno para São Paulo.

Outras fotos do trabalho desenvolvido.

